



EDITORIAL

POESIA/ETNOPOESIA: O “OUTRO” VISÍVEL NA TRADUÇÃO

Ana Helena Rossi¹

Universidade de Brasília (UnB), Brasil

anahrossi@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v2i2.19996>

É com muito prazer que a revista *caleidoscópico: linguagem e tradução* lança um número sob a égide da tradução de línguas indígenas. O escopo deste número é o “outro”, esse outro como figura de estranhamento definida por vários autores da tradução e de outras disciplinas também, tais como a antropologia/etnologia, a história, a psicanálise, a filosofia, as artes, dentre outros. Esse outro é observado em suas diferentes facetas, quer seja em suas dimensões culturais, quer seja em suas dimensões linguísticas que não se separam.

Essa temática é importante para dar visibilidade ao que não aparece com muita frequência, mas que é fundamental. Trata-se da língua dos povos indígenas e como isso tem a ver com a tradução, quais são as questões que essas traduções nos trazem a respeito do “outro” em seu lugar intangível. Como situar nossa concepção da tradução em relação a esses textos/oralidades oriundos de culturas onde a pragmática é diferente. Então, trata-se de trazer à tona esses textos, essas memórias culturais, e de observar como traduzi-las para ver o que elas também trazem para o nosso entendimento enquanto tradutores. Temos muito o que aprender com essas práticas de tradução que resgatam a cosmovisão desses povos. Tradução é, pois, um processo que torna visível outras cosmovisões da humanidade. Nesse sentido, tradução é uma prática e uma área de conhecimento que se aproxima muito de outras áreas de conhecimento. Importa, pois, ao tradutor, conhecer a mentalidade alheia, a cultura alheia, os elementos históricos dessas culturas, e como elas se organizam entre si. Compreende-se, também, que a fronteira entre o que é escrito e o que é falado/dançado/recitado não se organiza da maneira com a qual estamos acostumados. Pelo contrário, trata-se de observar

¹ Profa. Dra. Ana Helena Rossi. Editora-chefe da revista *caleidoscópico: linguagem e tradução*. Atua no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) do Instituto de Letras, e nos Programas de pós-graduação POSTRAD e POSLIT da Universidade de Brasília.



outras inter-relações, outras *performances* onde a palavra assume um outro lugar. Em termos de conhecimento, a etnopoesia estabeleceu uma configuração observável na intersecção da antropologia/etnologia, das artes, do teatro, da filosofia zen, dentre outras para falar de poesia como lugar de conhecimento do “outro”, para compreender como a tradução da poesia de outros povos traz a pervivência² do texto em seu sentido mais geral, isto é, permite que outros leitores tenham acesso à obra muito tempo depois de sua criação, fazendo-a reviver em outros lócus que o inicialmente proposto. Assim, a poesia, entendida em seu sentido macro, aliada à etnologia permite à tradução avançar para novos aprendizados.

Temos, assim, um conjunto de textos que resgatam as vozes do silêncio, da obscuridade para alcançar a luz. São os elementos visíveis – os fragmentos que restaram – de outras culturas que já não estão mais, ou que já não se encontram mais naquela forma inicial. São jóias que nos permitem acessar o conhecimento do “outro”, a fim de dialogar com o que consideramos o nosso. Assim, aprendemos que o “outro” está também no que consideramos o “nosso”.

No âmbito deste número temos cinco artigos cujo denominador comum é o “outro”. Destes cinco artigos, quatro são publicados em português, e um em inglês. O artigo “Antologia como manifesto: arte verba asteca, Bernardino de Sahagún & Jerome Rothenberg”, de Márcio de Carvalho e Izabela Guimarães Guerra Leal, apresenta o conceito de etnopoesia, cunhado por Jerome Rothenberg, que, em seu trabalho com Gary Snyder, a partir da publicação de antologias de outros povos. De maneira mais específica, o artigo aborda como, dentro da proposta modernista, Jerome Rothenberg traz à tona o valor estético presente nos textos das culturas tradicionais pré-colombianas, entendendo que a arte oral nativa possui elementos performáticos que vão muito além de um simples texto escrito. A partir de seu trabalho de tradutor, Jerome Rothenberg coloca a tradução como elemento central desse processo de criação estética, e de crítica literária.

Dentro dessa mesma lógica, o artigo “Eventos de tradução nos cantos-rituais ameríndios, de Rosângela Pereira de Tugny, mostra como os cantos

² Walter Benjamin, “A tarefa do tradutor” [Die Aufgabe des Übersetzers – tradutor Fernando Camacho] in **A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português [Org Lucia Castello Branco]**. Belo Horizonte. Fala/UFMG. 2008. P. 25-50.



xamânicos são espaços acústicos onde vozes e palavras emparelham-se, aproximam-se, distanciam-se, reformulando os sentidos que se tornam múltiplos no bojo da proposta ritualística que integra dança, palavra, vozes, movimentos e sons. Trata-se de traduzir todas essas dimensões, o que é analisado a partir da análise de caso de dois cantos ameríndios.

O artigo “Traduzir *Kutipá/Kanuparita* para vitalizar a língua komama: um estudo de caso”, de Altaci Rubim e de Ana Helena Rossi, mostra que traduzir histórias em quadrinhos que contém narrativas/mitos do povo kokama revela-se uma tarefa árdua. Trata-se de mostrar a organização dos saberes presentes nas histórias em quadrinhos, que revelam a cosmovisão do povo kokama. O conceito de *kutipá* em jogo nas traduções ilustra a complexidade do que está em jogo, e que tem a ver com a organização social do povo, suas crenças, seus mitos, suas histórias, e inclusive o seu silêncio no âmbito da modernidade. Esse conceito mostra, de maneira muito clara, como a sua tradução insere-se no âmbito da vida da comunidade, de sua estrutura. Eliminá-lo significa perder o sentido da história.

No artigo “A visibilidade e a autoria do tradutor na tradução de quadrinhos”, de Bianca de Lima Reys e de Valeria Silveira Brisolar, a tradução das histórias de quadrinho coloca em questão a (in)visibilidade do tradutor. Trata-se de um campo novo de estudos no qual existe uma lacuna a ser preenchida. A partir de alguns exemplos, o artigo traz à tona a questão do papel do tradutor a respeito da tradução do gênero posto acima. É fundamental abordar as questões de texto e imagem, tais como definidas por Roland Barthes e Umberto Eco.

O artigo « The labyrinths of unreliable narration: literary translation and the journey of americanity », de Davi Silva Gonçalves, analisa a narração não-confiável no que diz respeito ao conceito de americanidade e de cosmopolitismo, a partir do romance do escritor canadense Stephen Leacock, *Sunshine Sketches of a Little Town*. O autor do artigo realiza algumas traduções do romance para o português, o que lhe permite identificar esse conceito de americanidade dentro da ficção, e levantar questões sobre como tratá-lo no âmbito desta mesma tradução, a partir de uma narração marcada pela dimensão irônica.

Boa leitura!